

Eixo Temático: Tecnológico

PADRÃO DE ESPECIALIZAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DA BAHIA (1999-2014)

Caroline Dalcin Ebert¹

Alison Geovani Schwingel Franck²

Rodrigo Abbade da Silva³

Mygre Lopes da Silva⁴

Daniel Arruda Coronel⁵

RESUMO

Este trabalho buscou analisar o padrão de especialização das exportações do estado da Bahia, identificando os setores produtivos mais dinâmicos, no período entre 1999 e 2014. Neste sentido, calculou-se o indicador de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS). Os resultados indicaram que o estado apresentou uma pauta de exportação pouco diversificada. Com isso, é possível constatar que o padrão das exportações é baseado prioritariamente em produtos intensivos em recursos naturais e produtos da indústria de transformação tradicional, os quais são pouco capazes de gerar vantagens comparativas dinâmicas, ou seja, baseados em inovações tecnológicas.

Palavras-chave: Bahia, exportações, vantagens comparativas.

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Econômicas – UFSM. carolinedalcin11@yahoo.com.br

² Acadêmico do Curso de Ciências Contábeis – UFSM. alischfranck@hotmail.com

³ Mestrando em Administração – UFSM. abbaders@gmail.com

⁴ Doutoranda em Administração – UFSM. mygrelopes@gmail.com

⁵ Orientador. Professor do Curso de Administração – UFSM. daniel.coronel@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

O Brasil se inseriu de forma mais intensa no mercado mundial na década de 1990, a partir do processo de abertura da economia, da adoção do plano real e da reestruturação produtiva. A inserção das economias nacionais no comércio exterior foi considerada como sendo um dos principais fatores relacionados ao desenvolvimento econômico.

A política de diminuição de tarifas de importação e de barreiras não tarifárias, como aquelas implantadas a partir de 1990 pelo governo brasileiro, impactou no aumento do mercado ocorrendo um aumento de firmas, aumentando a concorrência, ponto que poderia reduzir as margens de lucro, fato que resultaria num aumento da eficiência alocativa da economia brasileira. Isto pode ter um resultado positivo de aumento de produtividade (FERREIRA; GUILLÉN, 2004).

Nesse cenário, houve o processo de redução das tarifas sobre o comércio internacional no país, o qual contribuiu para o aumento da quantidade de produtos comercializados com o resto do mundo. E, nesse contexto, o estado da Bahia-BA, que, em 1999, respondia por aproximadamente 8,2% da pauta exportações Brasil, chegou a 7,3% em 2014.

A competitividade do comércio internacional baiano pode ser entendida por meio do setor agroindustrial onde se concentravam boas oportunidades econômicas para a economia baiana. Os grãos no Oeste, as frutas e oleícolas irrigadas no vale do São Francisco, as hortícolas na Chapada Diamantina, e os cítricos no Recôncavo e no nordeste do estado são os principais destaques. A consolidação desse recente processo depende, basicamente, de investimentos em infraestrutura, especialmente de irrigação e transporte, para um escoamento rápido e pouco oneroso da produção, tornando aquelas regiões competitivo, não só nacional, mas também internacionalmente (GUERRA; GONZALEZ, 2001).

Neste contexto, este trabalho tem como objetivo geral analisar o padrão de especialização das exportações da Bahia no período 1999 a 2014, cujo marco inicial representa ano em que o Brasil adota o regime de câmbio flutuante e de forma mais específica, estudar os setores produtivos mais dinâmicos do Estado, como também compreender a composição da pauta exportadora da Bahia, analisando as mudanças na inserção externa do Estado.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseia-se no cálculo de indicadores de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica (IVCRS). Inicialmente o indicador IVCRS, segundo Hidalgo, revela a relação entre participação de mercado do setor e a participação da região (estado) no total das exportações do país (conforme Fórmula 1 a seguir).

$$IVCRS_{ik} = \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} - 1 \left/ \frac{X_{ij}/X_{iz}}{X_j/X_z} + 1 \right. \quad (1)$$

Em que:

X_{ij} representa valor das exportações do setor i pelo Estado j (BA);

X_{iz} representa o valor das exportações do setor i da zona de referência z (Brasil);

X_j representa valor total das exportações do estado j (BA); e,

X_z representa valor total das exportações da zona de referência z (Brasil).

Conforme Hidalgo (1998), quando uma região exporta um grande volume de um determinado produto em relação ao que é exportado pelo país desse mesmo produto, ela possui vantagem comparativa na produção desse bem. Além disso, em um ambiente cada vez mais globalizado e integrado, o fluxo comercial é caracterizado por um crescente comércio intraindústria. A expansão do comércio nos processos de integração econômica, em geral, acontece através desse tipo de comércio. Assim, o conhecimento desse comércio é importante na formulação de estratégias de inserção internacional para uma economia (HIDALGO; MATA, 2004).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 ÍNDICE DE VANTAGEM COMPARATIVA REVELADA SIMÉTRICA – IVCRS

Observa-se nessa seção, segundo a Tabela 1 que no período analisado constata-se que dos 14 setores analisados, em quatro o estado apresentou vantagens comparativas ($IVCRS > 0$) em todos os anos da série histórica, a saber: papel; químicos; ótica e instrumentos; e, têxtil.

3.1.1 Tabela

Tabela 1 - Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrica para a Bahia

| Grupos de Produtos\Ano | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 |
|----------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Alimentos/fumo/bebidas | -0,31 | -0,19 | -0,25 | -0,27 | -0,27 | -0,23 | -0,31 | -0,41 | -0,38 | -0,30 | -0,25 | -0,28 | -0,27 | -0,29 | -0,34 | -0,27 |
| Minerais | 0,21 | 0,23 | 0,48 | 0,27 | 0,30 | 0,15 | 0,29 | 0,05 | -0,06 | -0,09 | -0,24 | -0,24 | -0,19 | -0,11 | -0,18 | -0,17 |
| Químicos | 0,64 | 0,65 | 0,62 | 0,64 | 0,60 | 0,60 | 0,52 | 0,51 | 0,54 | 0,47 | 0,48 | 0,55 | 0,48 | 0,47 | 0,48 | 0,51 |
| Plástico/borracha | 0,40 | 0,36 | 0,30 | 0,24 | 0,23 | 0,31 | 0,30 | 0,33 | 0,43 | 0,33 | 0,38 | 0,29 | 0,34 | 0,37 | 0,36 | 0,40 |
| Calçados/couro | -0,56 | -0,50 | -0,39 | -0,23 | -0,18 | -0,07 | -0,17 | -0,12 | -0,03 | 0,04 | 0,11 | 0,13 | 0,14 | 0,14 | 0,11 | 0,08 |
| Madeira | -0,52 | -0,44 | -0,55 | -0,53 | -0,83 | -0,79 | -0,86 | -0,82 | -0,83 | -0,88 | -0,93 | -0,95 | -0,94 | -0,95 | -0,99 | -0,98 |
| Papel | 0,54 | 0,53 | 0,46 | 0,47 | 0,34 | 0,38 | 0,42 | 0,56 | 0,60 | 0,70 | 0,69 | 0,69 | 0,70 | 0,68 | 0,70 | 0,68 |
| Têxtil | 0,35 | 0,27 | 0,27 | 0,17 | 0,13 | 0,27 | 0,29 | 0,37 | 0,42 | 0,46 | 0,55 | 0,59 | 0,71 | 0,68 | 0,61 | 0,68 |
| Min. N.-met/met. Preciosos | 0,12 | 0,04 | 0,03 | 0,14 | -0,06 | -0,11 | -0,10 | 0,08 | 0,02 | 0,19 | 0,25 | 0,28 | 0,34 | 0,30 | 0,24 | 0,21 |
| Metais comuns | 0,00 | -0,07 | -0,06 | 0,00 | -0,16 | -0,08 | -0,07 | 0,15 | 0,16 | 0,13 | 0,05 | 0,01 | 0,04 | -0,14 | 0,22 | -0,04 |
| Maquinas/equipamentos | -0,71 | -0,76 | -0,83 | -0,83 | -0,87 | -0,87 | -0,90 | -0,87 | -0,83 | -0,82 | -0,87 | -0,80 | -0,82 | -0,86 | -0,84 | -0,83 |
| Material transporte | -0,92 | -0,97 | -0,99 | -0,99 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 |
| Ótica/instrumentos | -0,97 | -1,00 | -1,00 | 0,75 | 0,92 | 0,94 | 0,94 | 0,93 | 0,91 | 0,89 | 0,86 | 0,87 | 0,84 | 0,90 | 0,93 | 0,83 |
| Outros | -1,00 | -1,00 | -0,71 | -0,41 | -0,25 | -0,18 | -0,08 | 0,01 | -0,01 | -0,03 | -0,27 | -0,64 | -0,64 | -0,64 | -0,75 | -0,92 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados MDIC/SECEX (2015)

O resultado do IVCRS que apresenta maior vantagem comparativa, em primeiro lugar, com o setor de papel, com média de 0,57 ao longo do período. Isto é fruto de incentivos realizados, no período de 1987 a 2001, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, como a aplicação do programa de crescimento e desenvolvimento do parque industrial de celulose e papel, conhecido como projeto *green field*. Todavia, a partir de 1991 o BNDES passou a diminuir a sua participação no fomento do setor, concedendo espaço para a iniciativa privada, que inicialmente foi composta pela Bahia sul celulose S/A, uma associação das companhias Suzano, CVRD, Bndespar e IFC. Em 1992, o grupo Votorantin passou a investir no setor. O ingresso dessas empresas no setor resultou em um aumento de cerca de 500 e 250 mil toneladas de celulose e papel produzidas ao ano na Bahia, respectivamente, bem como a expansão da mata de eucaliptos, a qual abastece aproximadamente 45,0% da produção local (JUVENAL; MATTOS, 2002).

Verifica-se que a segunda maior vantagem comparativa da Bahia é composta pelo setor de químicos, com média de 0,55 ao longo do período e demonstra ter sofrido impactos da crise econômica mundial ocorrida em 2007, uma vez ocorre diminuição na vantagem comparativa no ano de 2008 e posteriormente oscila abaixo da média histórica de 1999 a 2006. O principal produto do grupo é o petróleo, cujo estado é o berço da indústria do petróleo brasileiro. Ainda, desde de 1953, a Petrobras foi criada e dentre os seus primeiros patrimônios está a Refinaria Landolfo Alves, em Mataripe (BA), segunda maior refinaria de petróleo do País. A refinaria possui uma capacidade de 320 mil barris/dia, representando aproximadamente 14,5% da capacidade de refino brasileira.

Além disso, a Bahia atualmente é o 5º maior produtor de petróleo entre os estados brasileiros, depois do RJ, ES, SP e RN, tendo produzido em agosto 43,161 mil bbl/d (CHAMBRIARD et al., 2015).

A redução da vantagem comparativa no ano de 2008 também esta associada a redução na atividade economia mundial, por meio da diminuição da quantidade de energia consumida. A forte queda do preço do petróleo, por exemplo, se deve provavelmente a esse fato e à retração do crédito que reduziu a especulação que existia nesse setor. Doravante, as exportações tiveram efeitos negativos nos anos de 2008, 2009 e 2014, em função da queda no preço do petróleo bruto em conjunto com redução do consumo, o que desestimula o setor baiano (LUCON; GOLDEMBERG, 2009).

Como aspecto não estrutural do setor, mas advindo de fatores macroeconômicos globais, o setor foi afetado pela crise econômica de 2008, de modo que foi reduziu o de crescimento de mercado, em altas taxas, seja principalmente pela influência na dinâmica de ampliação de unidades de varejo, que sofreu um grande impacto em função da redução no consumo global. Apesar disso, o mercado óptico está em franco crescimento no Brasil, o faturamento no segmento cresceu 89% entre 2009 e 2014. Um dos motivos que explica esse aumento é a inovação e a diversidade de modelos surgidos no período (ÓPTICA, 2010).

Diante destas análises, é possível compreender, sob a ótica das vantagens comparativas, que a Bahia possui poucos setores que apresentam vantagens comparativas, ou seja, pauta produtiva com pouca diversificação. Isso pode indicar que o estado é vulnerável às oscilações de variáveis externas (mudança de preços internacionais, crises etc.) e internas (estiagens etc.).

4 CONCLUSÕES

Este estudo permitiu elucidar o padrão do comércio exterior dos diversos setores do estado da Bahia. A observação conjunta das evidências empíricas apresentadas neste artigo permite destacar as peculiaridades setoriais da competitividade do estado no comércio exterior.

O indicador utilizado demonstra um padrão de exportação baseado prioritariamente em produtos intensivos em recursos naturais e produtos da indústria de transformação tradicional, os quais são pouco capazes de gerar vantagens comparativas dinâmicas. Os resultados sugerem que as políticas voltadas ao setor exportador devem realizar uma apreciação clínica na relação da Bahia com seus tradicionais parceiros comerciais, além de buscar novos parceiros comerciais e ampliar o *mix* das exportações, mantendo as conquistas obtidas.

Entre as limitações do trabalho está o fato de os índices utilizados serem estáticos, ou seja, permitem a análise em períodos de tempos específicos, não compreendendo diversas alterações em fatores econômicos como barreiras comerciais, tratados de livre comércio e variações no consumo interno.

REFERÊNCIAS

- CHAMBRIARD, M. M. D. R. et al. **BOLETIM DA PRODUÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL ABRIL DE 2015**. Brasília: AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS, 2015.
- FERREIRA, P. C.; GUILLÉN, O. T. DE C. Estrutura competitiva, produtividade industrial e liberalização comercial no Brasil. **Revista Brasileira de Economia**, v. 58, n. 4, p. 507–532, dez. 2004.
- GUERRA, O.; GONZALEZ, P. Novas mudanças estruturais na economia baiana: mito ou realidade. **Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, BNB**, v. 32, n. 3, p. 308–321, 2001.
- HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 29, p. 491–515, 1998.
- HIDALGO, A. B.; MATA, D. Exportação do estado de Pernambuco: concentração, mudança na estrutura e perspectivas. **Revista econômica do Nordeste**, v. 35, n. 2, p. 264–283, 2004.
- JUVENAL, T. L.; MATTOS, R. L. G. O setor de celulose e papel. **BNDES. BNDES**, v. 50, 2002.
- LUCON, O.; GOLDEMBERG, J. Crise financeira, energia e sustentabilidade no Brasil. **estudos avançados**, v. 23, n. 65, p. 121–130, 2009.
- ÓPTICA, A. B. D. I. **Avaliação do Mercado Óptico Brasileiro 2010**. Disponível em: <<http://www.abioptica.com.br/ws2011/>>. Acesso em: 20 maio. 2016.
- PESSOTI, G. C. **Um estudo da política industrial na Bahia entre 1950 e 2005. 2008. 215 f**Dissertação (Mestrado em Análise Regional)–, Universidade Salvador, Salvador, , 2008.